



A PLURALIDADE DO TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA: UM PANORAMA CONTEMPORÂNEO

THE PLURALITY OF THE TERRITORY IN BRAZILIAN GEOGRAPHY: A CONTEMPORARY OUTLOOK

LA PLURALIDAD DEL TERRITORIO EN LA GEOGRAFÍA BRASILEÑA: UN PANORAMA CONTEMPORÂNEO

Lucas Labigalini FUINI¹

Professor Doutor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)/Campus de São João da Boa Vista.

Avenida Marginal, 585 - Bairro Fazenda Nossa Senhora Aparecida do Jaguari, CEP: 13871-298 - São João da Boa Vista - SP

Email: lucasfuini@yahoo.com.br.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo estruturar um quadro preliminar de análise sobre o resgate do conceito de Território nos estudos e pesquisas geográficas, sobretudo desde os anos de 1980, buscando compreender a dita popularização do conceito no repertório da geografia brasileira. Através da consulta à estudos já realizados em relação ao conceito (sistematizações recentes) e dados quantitativos sobre a produção acadêmica e dos grupos de pesquisa no país, pretendemos organizar um panorama sobre os sentidos e a identidade do conceito na produção geográfica em transição da modernidade para a pós-modernidade.

Palavras-chave: Território; Geografia brasileira; Teses/dissertações, Grupos de pesquisa, modernidade.

Abstract

The objective of this article is to structure a preliminary framework for the analysis of the Territory concept in geographic studies and research, especially since the 1980s, in order to understand the popularization of the concept in the repertoire of Brazilian geography. Through consultation with the studies already carried out in relation to the concept (recent systematizations) and quantitative data on academic production and research groups in the country, we intend to organize a perspective about the senses and the identity of the concept in the scientific production in transition from modernity to post-modernity.

Keywords: Territory; Brazilian geography; Theses / dissertations, Research groups, modernity.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo estructurar un marco preliminar para el análisis de la recuperación del concepto de territorio en estudios e investigaciones geográficos, sobre todo desde la década de 1980, buscando entender la popularización del concepto en el repertorio de la geografía brasileña. A través de la consulta de los estudios anteriores en relación con el concepto (sistematizaciones recientes) y datos cuantitativos sobre los grupos de producción y de investigación académica en el país, tenemos la intención de organizar una visión general de los sentidos y la identidad del concepto en la producción científica en transición de la modernidad hasta la pos-modernidad.

Palabras clave: Territorio; Geografía brasileña; Tesis/disertaciones, grupos de investigación, modernidad.

¹ Este artigo procura sistematizar as reflexões do autor na pesquisa da Fapesp intitulada "Território e Geografia no Brasil: uma contribuição à epistemologia e história do pensamento geográfico" (Processo 2015/17945-3), sob a coordenação do Prof. Dr. Lucas Labigalini Fuini. Este artigo contou, em sua produção, com o auxílio dos bolsistas de treinamento técnico (TT-1) Ana Paula de Souza Yamamoto, Gabriel Campos Henrique, Helena Maria Mendes e Mateus de Souza Babeto.

Introdução

Território é um conceito muito caro à Geografia e ciências humanas. Concebe-se por conceito uma abstração derivada do pensamento e que apresenta um caráter de profundidade e extensão, profundidade referindo-se àquilo a que dá significado, extensão àquilo a que se aplica (SPOSITO, 2003; HAESBAERT, 2014). É conceito, pois, apresenta na história do pensamento geográfico um caráter permeável à mudança de significados, adquirindo novos conteúdos e estendendo seu caráter aplicado. Se fosse um conceito de entendimento puro (unidade de significação de um discurso epistemológico), uma categoria, teria um aspecto imanente, universal e menos variável, como o é o espaço/tempo.

Tratando-o como um recorte ou esfera do espaço definido por relações de poder que se expressam como um misto de dominação política e apropriação econômica e cultural em múltiplas escalas, o território pode ser reconhecido na Geografia, até os anos de 1980, à luz de algumas matrizes teóricas que deram a ele certo sentido e aplicação, com a influência de autores como Friedrich Ratzel (1844-1904), com sua geopolítica e associação do território com o controle estatal, Jean Gottmann (1915-1994), com sua abordagem historicista e política que traz a concepção de território como recurso/abrigo e iconografia/circulação e, Claude Raffestin (1936-), com a perspectiva relacional e multidimensional do poder no/do território, definindo-o como articulado por atores em formatos variáveis de malhas, quadrículas e reticulados (FUINI, 2014, 2015).

Um contexto marcado pela influência do movimento da geografia crítica (e seu maior compromisso com discussões de tipo teórico-metodológicas), o resgate da concepção territorial de Gottmann (1973) e a (re)leitura sobre o poder no/do território iniciada por nomes como Raffestin (1993) e Sack (1986), começou-se a influenciar geógrafos brasileiros que manifestaram uma necessidade de retomada da centralidade do conceito, em sentidos diversos: de mudança do caráter e sentido explicativo (SANTOS, 1985, 1993), de ampliação de seu escopo e enfoque prático (BECKER, 1982) e de aprofundamento de sua construção histórica e (geo)política (MORAES, 1988, 2000; ANDRADE, 1995). Desse ponto em diante, vão surgir autores e obras mais francamente renovadoras e que passam a fazer uso das concepções de territorialidades e desterritorializações visando dar ao Território capacidade de

explicação dos fenômenos atuais, com um sentido mais dinâmico quanto aos seus limites/fronteiras, dimensões e escalas² (HAESBAERT, 2004, SAQUET, 2007).

Desse modo, nesse artigo apostaremos em um percurso metodológico que mesclará descrição e análise teórica de fontes bibliográficas e dados quantitativos que permitam delinear o universo de estudos sobre o Território na Geografia brasileira contemporânea, trazendo à tona pesquisa e sistematizações anteriores e dispondo um quadro com indicadores da CAPES e CNPq sobre a incidência desses estudos por área de conhecimento, temáticas, regiões e instituições de origem, em comparação com a produção sobre outros conceitos e tempo de existência dos grupos de pesquisa. Esse quadro disposto permitirá definir os sentidos da produção e pesquisa territorial e geográfica recente, traçando um perfil geral que pode responder sobre o significado dessa popularidade recente do conceito.

2. A premissa do “retorno” do Território

A perspectiva do retorno ou resgate do território aparece em muitos dos estudos que foram voltados, a partir dos anos de 1990, a tratar da retomada da centralidade nos estudos brasileiros de um conceito tão íntimo à Geografia. Moraes (2000) afirma que se trata de um “resgate” iniciado nos anos de 1960, com a advento da corrente denominada geografia crítica e a repolitização do repertório geográfico, com a revalorização da Geopolítica³.

Santos (1993) vai denominar de “retorno” do território a superação da visão da modernidade de território atrelada ao exclusivismo estatal, sendo mais relevante falar do uso do território na perspectiva de que o conceito incorpora lugares contíguos, as horizontalidades, e lugares distantes, as verticalidades. O território incorpora, portanto, uma dialética que se dá pela dissociação entre controle técnico, próximo e local, e político, distante e global. Já Becker (1982, 1988) anuncia durante os anos de 1980 a emergência de um novo território, rompendo com a unidimensionalidade estatal e

² Pois, como afirma Saquet (2007a, p. 127), o “território é resultado e determinante da unidade (econômico, político e cultural), inscrevendo-se num campo de forças de relações socioespaciais. O território é produto e condição da territorialização. Os territórios são produzidos espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorialidades cotidianas. As territorialidades são, simultaneamente, resultado, condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território”.

³ Nesse texto, Moraes (2000) afirma que o conceito ratzeliano de território - como controle e apropriação por um grupo politicamente organizado de uma área, sofreu de uma leitura equivocada que o associou ao determinismo e que transferiu uma visão negativa à geopolítica alemã, sobretudo a teoria ratzeliana.

captando as diversas territorialidades e multidimensionalidades que emergem do confronto entre território hegemônicos do Estado e das empresas e relação de luta por territórios dos movimentos e grupos sociais.

Saquet (2007a) argumenta que no Brasil, a qualificação e expansão de estudos sobre os conceitos de território e territorialidade ocorrem a partir do biênio 1992/93, com a organização dos seminários internacionais “O novo mapa do mundo”, na USP/São Paulo, e a tradução para o português da obra “Por uma geografia do poder”, de Claude Raffestin [1980]. Além disso, sedimenta-se linhas de interpretação nos círculos acadêmicos brasileiros vinculadas às abordagens de C. Raffestin (aspectos econômicos e políticos do território/territorialidade); G. Deleuze e F. Guattari (dimensões cultural e política); J. Gottman e R. Sack (dimensão geopolítica); A. Bagnasco, G. Becattini e G. Dematteis, (os fenômenos e processos econômicos, sociais e culturais do desenvolvimento territorial) e Milton Santos (configuração territorial: fixos e fluxos e território usado). Em outro texto (SAQUET, 2007b), o autor analisa a produção sobre o território nas ciências sociais entre os anos de 1950 e 1980, em movimento que já apontava para a renovação, com nomes como J. Gottmann e G. Dematteis, mas ainda pouco conhecido no Brasil. Mesmo a geografia crítica, de inspiração marxista iniciada no Brasil em fins dos anos de 1970, optou pelo estudo do espaço (vinculado à teoria do valor) e não pelo território e as questões territoriais (SAQUET, 2007a).

Abrindo mão ou criticando mais fortemente o paradigma da modernidade, Escolar (1996) e Machado (1995) informam que em fins do século XIX a ideia de território esteve vinculada ao discurso e projeto de nação e ao patriotismo da unidade nacional via integridade territorial, emergindo teorias pseudocientíficas sobre raça e população indissociáveis das características da configuração natural do território. Ao buscar o estatuto de ciência, a geografia brasileira se afasta do território e vai buscar no conceito de região o elemento metodológico que daria unidade aos seus estudos (MORAES, 2000). Daí é possível falar de morte e vida dos conceitos conforme as forças externas dos contextos históricos acompanhada das forças internas das tensões epistemológicas de cada área do conhecimento.

Retomando a metáfora da “constelação de conceitos” de Haesbaert (2014) ao afirmar que os conceitos científicos estão em constante interrelação e diálogo e podem ocorrer substituição ou sobreposição de significados, aprofundamos com a ideia do mesmo autor (HAESBAERT, 2010) sobre a morte e vida dos conceitos (no caso ele

trata especificamente do conceito de *região*), compreendendo que em alguns momentos históricos o potencial explicativo de um conceito científico pode se esvaír, ressurgindo em outros contextos com sentido explicativo ampliado ou diferenciado. Sobre este aspecto e, em específico sobre o território, Fuini (2017, p. 226) nos traz a seguinte reflexão:

(...) Claval (1999) e Sposito (2003) nos propõe dois caminhos para a compreensão contemporânea do território. O primeiro, em uma escala mais macro, a propor ao mesmo tempo a morte do território, devido ao fim das fronteiras por conta do estabelecimento de redes de informação e do rápido desenvolvimento tecnológico, mas também comportando uma nova vida (um ressuscitar) devido às diversas necessidades e demandas territoriais pela consciência nacional reconstruída ou pelas identidades territoriais revigoradas. O segundo vai também na linha da morte e vida, com a proposta de conjugar as escalas do indivíduo e do cotidiano às dimensões territoriais e de territorialidades macro; morte porque descentra o conceito de seu apelo material e formal com os Estados-nação e, vida, pois impele a pensar nas coletividades e grupos de indivíduos que lidam também com a pulverização das relações identitárias e formas variadas de apropriação no/do espaço, incorporando a dimensão do político (mesmo que não organizado institucionalmente) às práticas econômicas e culturais vinculadas ao cotidiano.

O movimento de superação da modernidade na Geografia não se aplica somente à crítica da Geografia clássica e tradicional, de inspiração positivista (CAMPOS, 2011; MORAES, 2003), mas ao rótulo que foi dado à geografia de ciência imperialista, a dita Geografia colonial (SANTOS, 2002 [1978]; CLAVAL, 2014). Claval (1999), ao tratar da perspectiva do território na pós-modernidade, reconhece as mutações pelas quais o conceito passou com o declínio das filosofias e ideologias vigentes no século XX e a fragilização das identidades, com uma preocupação crescente com a diferenciação dos lugares como referência de distinção espacial⁴. Uma das questões importantes, conforme coloca Lyotard (1988), é a crítica da concepção moderna de “progressão regular dos conhecimentos” que não admite retrocessos e revisões, assim como nos modelos das ciências exatas e naturais, e também dos grandes discursos e metanarrativas generalizantes.

Para Claval (2014), dois elementos são exemplificadores desse movimento de mudança: a ideia de ajuste/virada espacial (*spatial and linguistic turn*), com a perspectiva da desconstrução e compressão espaço-tempo (HARVEY, 1989), e o

⁴ Nessas condições (*pós-modernas*, acréscimo nosso), territorializar um espaço consiste, para uma sociedade, em multiplicar os lugares e os instalar em redes ao mesmo tempo concretas e simbólicas (DIMEO, 2001).

advento das geografias pós-coloniais. Em que pese ressalvas à esse apego da geografia ao pós-moderno como sinônimo de relativismo, apolitização, individualismo e antropologização do conhecimento (MORAES, 2003), o território serve como indicador importante de uma transição que emite sinais de esgotamento de um discurso tradicional da geografia como “imagem moderna do mundo” (GOMES, 1996), sendo o território um dos seus grandes símbolos representativos.

3. As sistematizações anteriores

Nessa parte do artigo nos propomos a apresentar uma breve síntese dos estudos de caráter bibliográfico e teórico-epistemológico⁵ que buscaram reconstruir a trama da produção literária sobre o conceito mais recente, um panorama contemporâneo. Cabem aqui dois livros-texto de grande repercussão e algumas teses e dissertações com um caráter de buscar delinear os horizontes teóricos do debate contemporâneo e identificar os autores principais e suas principais referências analíticas.

Ana Cristina da Silva (2010) desenvolveu tese (“*O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI: o território na trama das significações imaginárias*”), defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), da Unesp-Presidente Prudente, cujo objetivo foi investigar a importância do território na produção da Geografia humana brasileira contemporânea, considerando ser aquele não apenas um conceito/objeto ou ideologia, mas também como “significação imaginária social”. A autora, após minuciosa análise de fontes escritas e entrevistas⁶ (relato oral), associada a uma leitura teórica pautada na filosofia e sociologia do conhecimento, chega à seguinte conclusão:

(...) descobri que há uma configuração intelectual no pensamento geográfico brasileiro contemporâneo que reúne diversas posições em torno do território. Este, por sua vez, não é portador de um sentido único e a trama, na qual está implicado, advém de estudos e pesquisas diferentes por suas origens, objetivos e posicionamentos teóricos e metodológicos que não têm um núcleo epistemológico

⁵ São estudos que estão no cerne do conhecimento e se propõe a refazer a percurso do pensamento sobre um conceito, obra ou autor.

⁶ A autora realizou entrevista com os seguintes geógrafos ditos especialistas na abordagem territorial (além de ter consultado outras entrevistas publicadas em periódicos): Bertha K. Becker, Wanderley Messias da Costa, Iná Elias de Castro, Bernardo Mançano Fernandes, Mônica Arroyo e Maria Laura Silveira.

comum ou uma convergência filosófica e política. Daí a pluralidade das abordagens acerca do território, da Geografia, do que é geográfico, da finalidade “estratégica” do saber geográfico (SILVA, 2010, p. 318).

Outro estudo de síntese da autora (SILVA, 2016), agora com um banco de dados quantitativo composto de pesquisas que cobrem o período de 1980 aos dias atuais e presentes nas publicações de encontros da AGB (Encontros Nacionais de Geógrafos e Congressos Brasileiros de Geógrafos) e de dissertações e teses que abarcam o período, conclui que há uma emergência e crescimento das pesquisas na abordagem territorial nos últimos trinta anos, mas não há uma unidade teórica e metodológica nessa produção (pode ser dialética, fenomenológica ou humanístico-cultural). Esta se pauta por ser polissêmica (sentidos e significados diferentes aos território), multitemática e polifônica.

Outra produção acadêmica mais geral foi a dissertação de mestrado de Mariane Fernandes (2013), pelo Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o título “*Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: a produção nas teses de pós-graduação em Geografia entre 2001 e 2011*”. Nesse trabalho, de cunho mais quantitativo, apoiado em levantamento de teses (no banco de Teses-dissertações da Capes e nos sites do Programas e Bibliotecas das instituições) defendidas em programas de pós-graduação em Geografia no Brasil sobre os conceitos “território” e “lugar”. O alçar destes a uma posição de centralidade no debate geográfico deve-se, segundo a autora, à emergência do movimento de renovação da geografia, sobretudo à geografia crítica de influência marxista e, além disso, ressalta-se também a concepção de espaço como um dado social (o que incorpora também uma outra classificação para a Geografia).

A autora, quanto ao território, chega à determinadas conclusões principais: a) a identificação do território com as relações de poder (mais frequentemente vista em sua materialidade) e a busca de abordagens que rompam com o associação automática território e Estado; b) a procura por compreender o território e as relações cotidianas envolvidas na produção simbólica e na prática dos diferentes atores sociais, considerando também a abordagem política e econômica das territorialidades e do ordenamento territorial; c) ênfase recente em conceitos de outras ciências sociais, como territorialidade e microterritorialidade.

Em síntese, Fernandes (2013) resume o quadro das pesquisas sobre a palavra-chave “território” em teses no período de 2001-2011, definindo em sua dissertação quatro categorias de análise: Das *abordagens* (econômica, territorial, sociológica, política, filosófica, histórico-crítica e dialética-marxista)⁷; das *técnicas de pesquisa* (qualitativa, quantitativa, bibliográfica, mista, entrevistas, questionários, entrevistas semi-estruturadas e observações e trabalho de campo); dos *conceitos correlatos* (ou subconceitos): desterritorialização, territorialidade, microterritórios, poder, cidade espaço; dos *principais autores* (Claude Raffestin, Friedrich Ratzel, Robert Sack, Michel Foucault, Marcos Saquet, Rogério Haesbaert, Marcelo Lopes de Souza, Milton Santos).

Levon Boligian (2003), em seu mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Unesp-Rio Claro (“*A transposição didática do conceito de Território no ensino de Geografia*”), realiza uma análise sobre as estratégias de transposição didática do território no ensino fundamental presentes no texto dos Parâmetros curriculares nacionais e em livros didáticos (e 6º. ao 9º. Ano). O autor nota que há um distanciamento entre o conhecimento geográfico científico e o conhecimento geográfico escolar, apontando-se falhas na fundamentação teórica-metodológica dos PCNs sobre o território (ainda apoiado em visão tradicional político-econômica) e na transposição didática de conteúdos que ligam o conhecimento geográfico à educação. No caso dos PCN, Boligian (2005) aponta que os referenciais teóricos são pouco claros e desvinculados das relações de poder, despolitizando-as. Ademais, ao caracterizar os livros didáticos, o autor constata atenção pequena ao conceito (privilegia-se os de espaço, paisagem e regionalização) e o predomínio de uma visão que o associa à escala territorial nacional e ao Estado.

Em estudo de Iole Lopes (2005), com base em sua tese de doutorado (“*O território e os estados pós-nacionais: uma abordagem geográfica das teorias recentes de Jürgen Habermas*”) defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia humana da USP, a autora analisa como se dá a validade do conceito de território a luz da teoria de Jürgen Habermas e sua ação comunicativa, em um cenário de globalização em que se pronuncia o “fim dos territórios” (BADIE, 1996) e a desterritorialização total das relações sociais (ORTIZ, 1997). A autora, a luz de Habermas, comenta que a forma “Estado-nação moderna” tem como seu elemento

⁷ A tese não é muito clara no sentido de diferenciar cada uma das abordagens e explicitar se está tratando de recortes temáticos simplesmente ou abordagens de método filosófico, como a histórica ou dialética. Falta também no tratamento de Fernandes (2013) uma diferenciação de técnicas de pesquisas para abordagens de pesquisa.

fundamental o território, que reforça a identidade nacional pelo princípio da soberania jurisdicional.

O Estado seria uma conquista moderna para garantir a democracia jurídica e a cidadania, assim, este projeto moderno ainda estaria inacabado. Os princípios da soberania e monopólio da violência ainda estão presentes; há o surgimento de novas fronteiras abaixo e acima de escala nacional e, a transferência de competência decisória do nível nacional para o internacional ainda é um mero exercício de abstração pois cria vazios de legitimação e insegurança jurídica⁸. Em suma, segundo Habermas, para se constituir identidade política apoiada em uma comunidade jurídica (organizações estatais-nacionais), as ideias de território, territorialidade e fronteiras ainda permanecem fundamentais já que o sistema econômico mundial se baseia menos em uma solidariedade universal e mais em uma concorrência interestatal.⁹

Eduardo Karol (2013), em tese de doutorado sobre a produção geográfica nas áreas de Geopolítica e Geografia política entre 1982 e 2012, constata, através de teses e dissertações defendidas, que a produção geográfica brasileira nas áreas supracitadas está concentrada em poucos autores, como Bertha Becker, vinculadas à certos centros de produção do saber (Sudeste), e às políticas territoriais do Estado (em muitos casos subsidiando teórica e tecnicamente essas ações) e não filiada automaticamente ao movimento de renovação crítico (corrente marxista) na produção acadêmica¹⁰, demonstrando uma multiplicidade ideológica.

Demonstra-se, com essa tese, que as áreas de interesse pela discussão do território, desde os anos 1980 e 1990, estão sendo ampliadas para além do recorte da Geografia política/Geopolítica, aparecendo, de forma crescente, em estudos da Geografia agrária, urbana, econômica, cultural e, em menor escala, na epistemologia e história do pensamento geográfico.

⁸ Outrossim, ao falar do processo de globalização e o aparente fim das fronteiras, Habermas comenta que enquanto houver o modo de produção capitalista, não há condições históricas para dissolução do Estado territorial moderno já que as diferenças sociais e econômicas entre unidades estatais-territoriais são consideráveis, apenas mudanças que levem à formação de Estados pós-nacionais, como é o caso da União Europeia (LOPES, 2005).

⁹ Lopes (2005) afirma que Habermas nutria certo otimismo pela possível constituição de formas de legitimação democráticas tomadas em âmbito mundial no bojo da formação de uma solidariedade cosmopolita.

¹⁰ Já que este pregava um afastamento da produção acadêmica em relação aos interesses estatais.

Por fim, em dissertação de mestrado de Sueli Silva defendida em 2009 no programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), sob o título “*Milton Santos: concepções de Geografia, Espaço e Território*”, a autora afirma que é somente a partir da segunda metade dos anos de 1970 que M. Santos passa a se ocupar do conceito de território em seus trabalhos, concomitante à eclosão do movimento de renovação crítica da Geografia, perpassando por seus trabalhos nos anos de 1980 e 1990¹¹. Do espaço, tratado como categoria, ao território, como conceito, a autora considera que a obra de Santos percorreu um caminho de tratamento do território como área, vinculado ao espaço como totalidade, evoluindo para a ideia do conceito como configuração territorial, associado ao espaço como sistema de objetos e ações, qualificando-o por seu caráter histórico e reticular. Assim, M. Santos não teria mudado a fundo sua definição de território, apenas inserindo novos elementos a ela (SILVA, 2009).

Esses trabalhos alicerçados na história do pensamento geográfico e na filosofia do conhecimento, misto de pesquisa bibliográfica e documental, fontes orais e pesquisa qualitativa e quantitativa, demonstram que enquanto avança a produção geográfica que faz uso do conceito de território para explicar determinadas realidades sociais e espaciais, vão surgindo (ainda que timidamente), concomitantemente, pesquisas que buscam fazer a sistematização do conhecimento produzido sobre o território e que já nos legam importantes eixos conclusivos sobre a abordagem geográfica do conceito no Brasil.

Quadro 1. Teses e dissertações específicas de sistematização sobre o conceito de Território no Brasil

Ano	Nível	Autor	Orientador	Título	Programa de Pós-graduação	Palavras-chave
2003	Dissertação de Mestrado	Levon Boligian	Rosângela Doin de Almeida	A transposição didática do conceito de Território no ensino de Geografia	Geografia da Universidade Estadual Paulista/UNESP -Rio Claro	Território; ensino; Geografia; Parâmetros curriculares; livros didáticos.
2005	Tese de Doutorado	Iole Ilíada Lopes	Antônio Carlos Robert Moraes	O território e os Estados pós-nacionais: Uma abordagem geográfica das teorias de Jürgen Habermas	Geografia Humana da Universidade de São Paulo/USP	Território; Estado; Jurgem Habermas; Geografia; teoria da ação comunicativa.

¹¹ A autora da dissertação apoio sua análise da produção geográfica de Milton Santos sobre os conceitos de espaço e território, e a vinculação entre os dois, em obras que vão de 1978 a 2001, sendo elas: “*Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*”, de 1978, “*Espaço e sociedade*”, de 1979, “*Pensando o espaço do homem*”, de 1982, “*Espaço e método*”, de 1985, “*Metamorfoses do espaço habitado*”, de 1988, “*A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*”, de 1996, e “*Brasil: território e sociedade no início do século XXI*”, de 2001.

2009	Dissertação de Mestrado	Sueli Santos da Silva	Marcos Aurélio Saquet	Milton Santos: concepções de Geografia, Espaço e Território	Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão	Geografia; Espaço; Território.
2010	Tese de Doutorado	Ana Cristina da Silva	Eliseu Savério Sposito	O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI: o território na trama das significações imaginárias	Geografia da Universidade Estadual Paulista/UNESP – Campus de Presidente Prudente	Território; Imaginário; Pensamento geográfico; Geografia humana.
2013	Dissertação de Mestrado	Mariane de Oliveira Fernandes	Vania Maria Favila Miorin	Os conceitos de Lugar e Território na contemporaneidade: a produção nas teses de Pós-graduação em Geografia de 2001-2011	Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM	Geografia contemporânea; Lugar; Território; Teses; Pós-graduação em Geografia.

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES (<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>).

4. Panorama estatístico sobre o conceito

Nesse nível nos interessa reconhecer se há uma retomada, em termos quantitativos, da produção científica sobre o Território em nossa Geografia, esclarecer o perfil dessa retomada e como isso se dá em comparação com outros conceitos.

No banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior) (<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>), identifica-se o seguinte panorama. Em Programas de Pós-graduação em Geografia e Geografia humana¹² no Brasil (modalidade *lato sensu*), identifica-se 3.930 trabalhos acadêmicos (entre teses e dissertações), no período de 1987 a 2016, que trazem o termo “território” em seu título, nome da área de concentração, linha da pesquisa e/ou projeto de pesquisa. Especificamente, em agrupamentos de cada 20 ocorrências de trabalhos na área de Geografia+Geografia Humana, há, em média, 8,28 trabalhos¹³ cujo título trazem

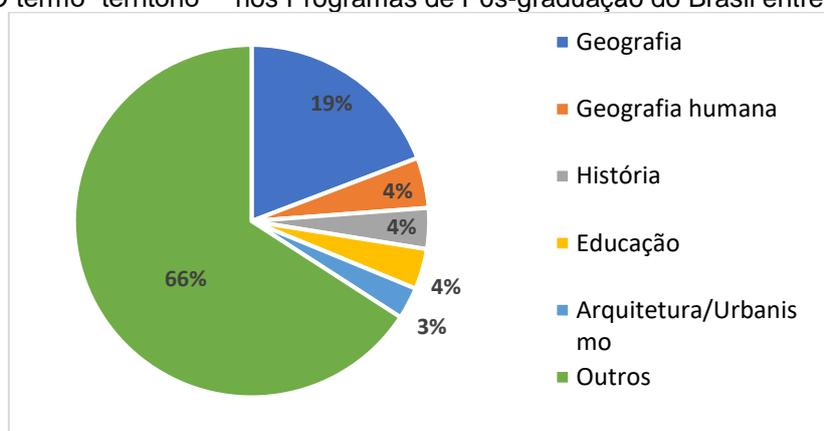
¹² Esse é o nome de um dos Programas de Pós-graduação em Geografia da Universidade de São Paulo (USP). O outro denomina-se Programa de Pós-graduação em Geografia Física.

¹³ Considerando uma amostragem de 123 trabalhos em um universo de 3.390 registros, o que equivale a um nível de confiança de 99%, margem de erro amostral de 5% e desvio padrão máximo de 10%. São 50 trabalhos com ocorrências “Territoriais” no título em um universo amostral de 123 trabalhos.

explicitamente a perspectiva territorial, contendo o termo território e algumas de suas variantes, como territorialidade, territorial, planejamento territorial, desenvolvimento territorial, territorialização, multiterritorialidade etc.

No comparativo com outras áreas, a Geografia também está em franca evidência quando o assunto é “Território”. De um total de 16.513 registros com a palavra “Território” (que poderia ser identificada em título do trabalho ou nome de área, linha ou projeto de pesquisa), 23% estão associados à Geografia como área de conhecimento (**Figura 1**), percebendo-se ser um conceito em muito identificado com o repertório geográfico. As outras aparições em sequência indicam outras áreas de conhecimento em contato direto com o repertório geográfico, como a Educação.

Figura 1. O termo “território”¹⁴ nos Programas de Pós-graduação do Brasil entre 1987 e 2016



Fonte: <http://bancodeteses.capes.gov.br>.

Do total obtido na produção geográfica recente em Pós-graduação sobre o Território no Brasil, 19,4% foi produzido na Universidade de São Paulo (USP), seguida pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU (4,8%), Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (4,75%), Universidade Estadual Paulista/UNESP (3,99%), Universidade Federal de Sergipe (3,63%).

Dos orientadores de Teses/Dissertações mais frequentes sobre a temática territorial, destacam-se Ariovaldo Umbelino de Oliveira (USP, 52 ocorrências), Júlio César Suzuki (USP, 34), Ana Fani Alessandri Carlos (USP, 31), Antônio Thomaz Júnior (UNESP-Presidente Prudente, 30), Maria Geralda de Almeida (UFG, 28), Wanderley Messias da Costa (USP, 26), Julia Adão Bernardes (UFRJ, 25), André Roberto Martin (USP, 23), Antônio Carlos Robert Moraes (USP, 26), Iná Elias de

¹⁴ Considerando sua presença em títulos de trabalhos e nomes das áreas de concentração, linhas e projetos de pesquisa.

Castro (UFRJ, 22), Beatriz Ribeiro Soares (UFU, 21), Francisco Capuano Scarlato (USP, 19), Maria Mônica Arroyo (USP, 18) Márcio Antonio Cataia (UNICAMP, 19), Bernardo Mançano Fernandes (UNESP-Presidente Prudente, 19), Rogério Haesbaert (UFF, 17), Marcos Aurélio Saquet (UNIOESTE, 15), Carlos Walter Porto-Gonçalves (UFF, 15), Elson Luciano Silva Pires (UNESP-Rio Claro, 15) etc. Esse quadro mostra por quais pesquisadores e instituições passa significativa parte da produção acadêmica de teses e dissertações sobre a temática territorial e, a partir de quais nomes, se constituem as redes de pesquisa sobre território no país.

Além disso, registra-se também a pluralidade temática que a abordagem territorial propicia na atualidade¹⁵. Vejamos os possíveis agrupamentos temáticos:

- **Geografia agrária e rural** (Ariovaldo U.de Oliveira, Júlio César Suzuki, Bernardo Mançano Fernandes, Marcos Aurélio Saquet);
- **Geografia política e Geopolítica** (Iná Elias Castro, Wanderley Messias da Costa, Márcio Cataia);
- **Geografia urbana** (Ana Fani A. Carlos, Beatriz Ribeiro Soares, Francisco Capuano Scarlato);
- **Geografia econômica** (Mônica Arroyo, Elson L. Silva Pires);
- **Geografia histórica e cultural** (Antônio Carlos Robert Moraes, Maria Geralda da Almeida);
- **Pensamento geográfico e Teoria em Geografia** (Rogério Haesbaert, Marcos Aurélio Saquet e Antônio Carlos Robert Moraes).

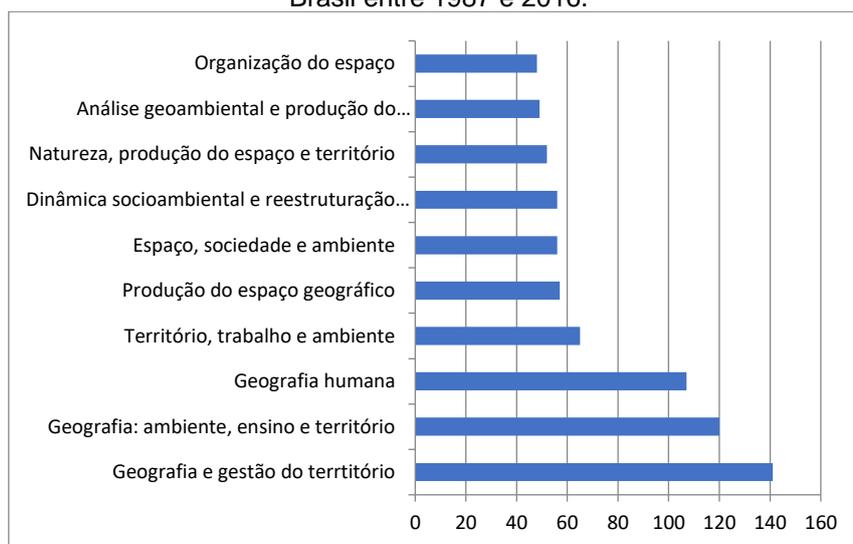
Considerando as áreas de concentração (**Figura 2**) onde aparecem registros da produção territorial, visualiza-se predomínio de três linhas de pensamento: *Gestão do território* (3,58%), *Ambiente e ensino* (3,07 %) e *Geografia humana* (2,72%). Essas linhas delineiam uma identificação do conceito com a questão prática das aplicações de políticas públicas e empreendimentos no espaço (gestão), com a repercussão do conceito no ensino e com um viés voltado à ciência geográfica e sua perspectiva humana (ou humanista).

Dentre os programas de Pós-graduação que mais concentram a produção sobre a temática territorial no país, destacam-se o da USP, com 19,4%, da UFU, com 4,8%, UFRJ, 4,65%, UNESP-RC, 3,91%, UNESP-PP, 3,86%, UFPR, 3,81%, UFS,

¹⁵ Nessa lista aparecem pesquisadores não diretamente identificados com a abordagem territorial, mas que aparecem como registros de orientação no banco de dados pois estão vinculados à alguma área de concentração, linha ou projeto de pesquisa que remete ao termo território direta ou indiretamente.

3,63%, UFG, 3,58%, UnB, 3,48%, UNICAMP, 3,38%¹⁶. Quanto á distribuição geográfica da produção territorial na Geografia/geografia humana, a mesma está fortemente concentrada no Estado de São Paulo (31,9%) e na região Sudeste (48,9%), em seguida se colocam o Rio de Janeiro (9,05%), Paraná (8,14%), Minas Gerais (6,53%), Rio Grande do Sul (5,72%), Ceará (3,91%), Goiás (3,58%), Brasília-DF (3,48%), Sergipe (3,63%) e Paraíba (3,07%).

Figura 2. O termo “território” por Área de concentração nos Programas de Pós-graduação do Brasil entre 1987 e 2016.



Fonte: <http://bancodeteses.capes.gov.br>.

Essa concentração espacial da produção acadêmica é reflexo da divisão territorial do trabalho e do papel que São Paulo assumiu como polo econômico, de serviços e cultural do país, formando um corredor geoeconômico e de concentração da infraestrutura de ciência e tecnologia na região Sudeste (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Analisando dados de Grupos de pesquisa oriundos do Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), também se encontram informações relevantes sobre a pertinência do conceito na pesquisa geográfica atual. É importante ressaltar que atualmente, dadas as exigências das avaliações externas e editais de projetos e programas de financiamento científico,

¹⁶ Essa densidade superior de produção acadêmica do eixo SP-RJ também se deve ao contexto histórico de formação e expansão dos programas de Pós-graduação no Brasil. Até 1972 só havia dois programas de Pós em Geografia no país, na USP (Geografia física) e na UFRJ. Em 1996 há certa expansão, ainda bastante concentrada, no entanto, com programas de Mestrado e/ou Doutorado presentes em 12 estados localizados nas regiões Sudeste, Sul, Centro-oeste e Nordeste. Para 2007 essa presença se difunde para mais estados e atinge a região Norte, não tendo presença apenas os estados do Acre, Amapá, Maranhão, Piauí, Tocantins e Alagoas (SUERTEGARAY, 2007).

exige-se que pesquisadores participem de grupos de pesquisa e desenvolvam atividades associadas às linhas de pesquisa.

Foram obtidos 79 registros específicos para o conceito de Território vinculados aos nomes de grupos de pesquisa cadastrados e certificados no CNPq (Grande área de Ciências Humanas e Área de Geografia), sendo 170 registros associados às linhas de pesquisa e 203 associados às palavras-chave das linhas de pesquisa vinculadas aos grupos. Em geral, foram identificados 1.323 registros do termo “Território” associados ao nome do grupo, da linha de pesquisa e palavras-chave de cada linha de pesquisa. Desse total, 851 registros, ou 64,3%, estão associados à grande área de “Ciências Humanas”, seguido pelas “Ciências sociais aplicadas”, com 369 registros (27,8%).

Dentro das “Ciências humanas”, a Geografia responde por 506 registros ou 59,4%, das menções territoriais, seguida pelas áreas da “Educação” (90 registros=10,57%), “Antropologia” (80 registros= 9,4%), “Sociologia” (67=7,87%) e “História” (60=7,05%). Esse quadro denota que a área de ciências humanas, junto da Geografia, tem apresentando maior interesse e desenvoltura pela questão territorial.

Considerando a distribuição geográfica dessa institucionalidade da produção científica (Grupos de pesquisa), destacando o recorte mais específico do nome do grupo de pesquisa, foi encontrada a seguinte distribuição por região e estado: *Sudeste* (30,3%), com destaque para o Rio de Janeiro (50%) e São Paulo (37,5%); *Sul* (25,3%), com destaque para o estado do Paraná (65%); *Nordeste* (18,9%), com destaque para a Bahia (33,3%) e Ceará e Paraíba (20%); *Centro-oeste* (12,6%), com destaque para o Mato Grosso do Sul (60%) e Goiás (40%); *Norte* (12,6%), com destaque para o Pará (50%). De forma mais geral, considerando a presença do território em nomes de grupos, linhas de pesquisas e palavras-chave das linhas, a distribuição não difere muito, exceto pela assunção do Nordeste em relação ao Sul¹⁷: *Sudeste* (72 = 30,5%), *Nordeste* (60=25,4%), *Sul* (45=19,06%), *Norte* (45=19,05%) e *Centro-oeste* (24 = 10,16%).

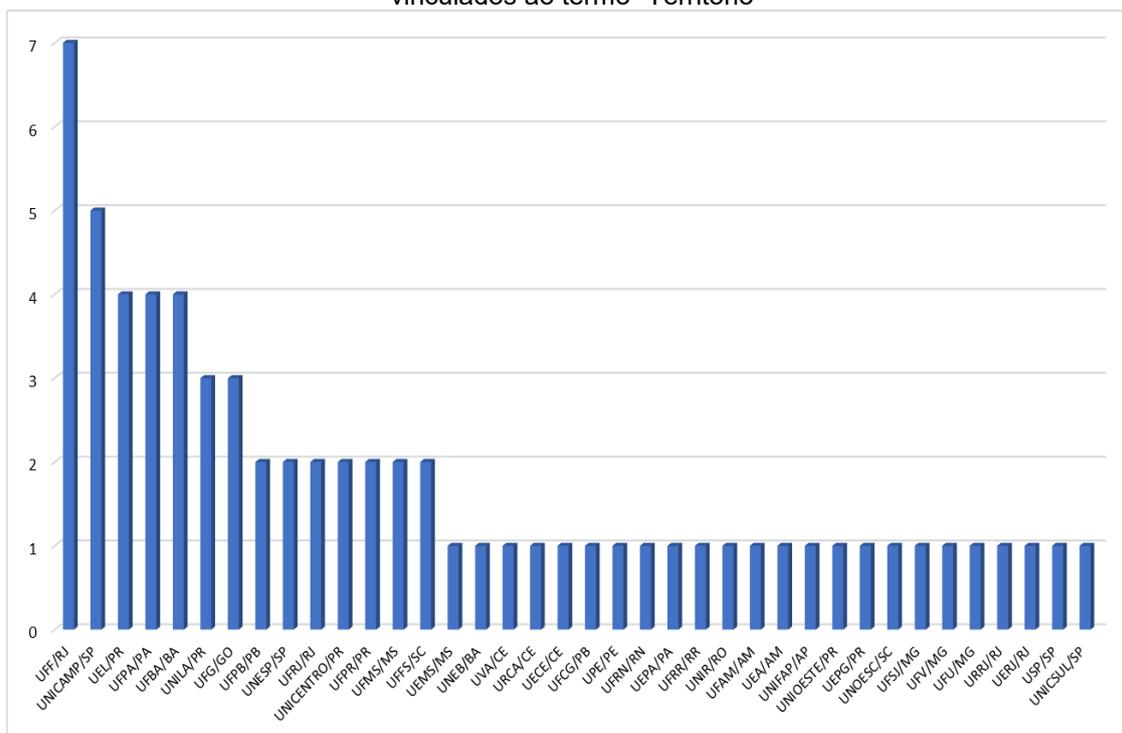
Dentre as instituições de ensino (**Figura 3**) que possuem grupos de pesquisa envolvidos na produção territorial geográfica, destacam-se, entre os dez primeiros, quatro localizados na região Sudeste, sendo dois centros localizados no estado do Rio de Janeiro (UFF e UFRJ) e dois localizados em São Paulo (UNICAMP e UNESP);

¹⁷ Concluindo que é mais comum na região Nordeste o território estar presente no diálogo com diferentes linhas de pesquisa em relação ao Sul.

quatro na região Sul, sendo todos localizados no Paraná (UEL, UNILA, UNICENTRO e UFPR), um no Norte localizado no Pará (UFPA), dois no Nordeste, sendo um localizado na Bahia (UFBA) e outro na Paraíba (UFPB), e um no Centro-oeste, localizado em Goiás (UFG). O estado de São Paulo concentra 23,5% das instituições com grupos de pesquisas vinculados à questão territorial, seguido por Paraná (19,1%) e Rio de Janeiro (16,1%).

Quanto ao tempo de existência, a maioria dos grupos vinculados à perspectiva territorial é relativamente jovem, apresentando até 9 anos de existência (64,2%), sendo que 31,5% apresenta entre 1 a 4 anos e 32,7% entre 5 a 9 anos. A menor parte dos grupos tem experiência de mais de 10 anos (35,77%), sendo que 21,56% apresenta entre 10 e 15 anos e apenas 14,2% mais de 15 anos de existência.

Figura 3. Grupos de pesquisas por instituição de ensino/pesquisa no Brasil com nomes vinculados ao termo “Território”



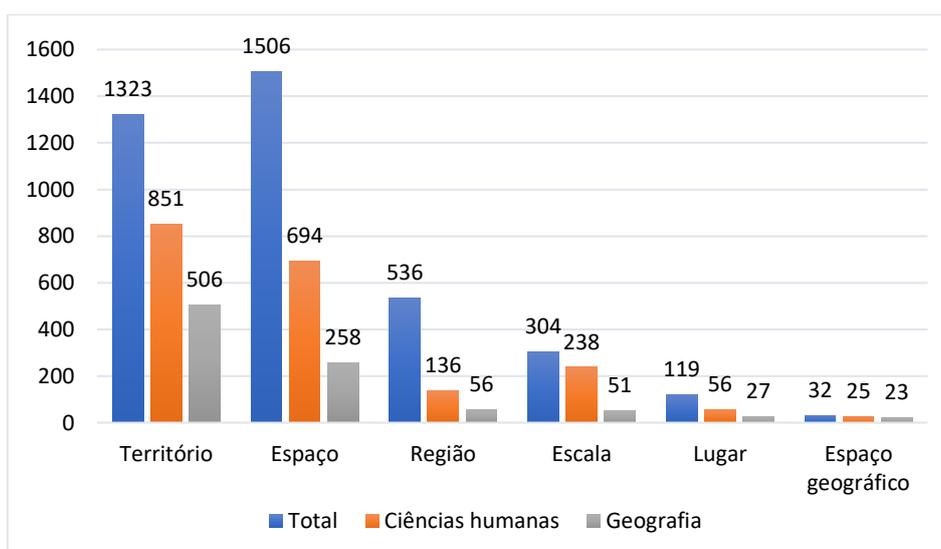
Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>).

Na comparação com a frequência de aparição de outros conceitos propriamente geográficos (SPOSITO, 2003; HAESBAERT, 2014, CAVALCANTI, 1998), como espaço, espaço geográfico, lugar, região e paisagem, constata-se um dos indícios da tese do “retorno do território”. O “Território” fica atrás apenas do termo “Espaço” em quantidade de grupos de pesquisa em que o termo aparece no nome do grupo/linha de pesquisa e palavras-chaves das linhas de pesquisa, mas fica

sensivelmente à frente de outros conceitos quando considerando a quantidade de grupos nas Ciências humanas e na Geografia que o adotam. Nas ciências humanas, o conceito responde por 42,55% das menções na comparação com os demais e 54,9% especificamente na Geografia (mais de metade do que a soma de todos os outros). Identifica-se, assim, um viés nitidamente geográfico na abordagem do conceito de território nas ciências. A Geografia responde, individualmente, por 38,2% das menções totais ao Território no Diretório de Grupo de Pesquisa/CNPq, enquanto essa especialização conceitual não atinge tão fortemente os outros conceitos (Espaço: 17,1%; Região: 10,4%, Escala: 16,7%; Lugar: 22,6%), exceto para Espaço geográfico, com 71,8% (em que pese que aí o complemento associa o termo diretamente com sua área de conhecimento, restringindo-o).

Essa vinculação geográfica do Território e sua primazia no debate recente também pesa na comparação com conceitos mais gerais que também são explorados na Geografia (**Figura 4**), como ambiente, meio e natureza. Apesar de ser menos frequente que “meio” e “ambiente”, aparece com mais frequência que o termo “natureza”. No comparativo dentro das áreas mais específicas de conhecimento, o território tem forte primazia nas ciências humanas (36,3%) e na Geografia (61,1%) no comparativo com os outros três conceitos mais gerais. Desse modo, o conceito passa também a adquirir um viés mais humanista nestes últimos anos, afastando-o do caráter naturalista dos primeiros tempos.

Figura 4. Incidência dos principais conceitos geográficos nos nomes dos grupos de pesquisa, linhas de pesquisa e palavras-chave das linhas de pesquisa do Diretório Grupos de Pesquisa CNPq.



Fonte: Diretório dos Grupos de pesquisa do CNPq. Acesso: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

Quanto ao tempo de existência das menções vinculadas aos conceitos no banco de grupos de pesquisa, percebe-se que a ênfase ao território é mais forte na faixa de grupos de pesquisa criados entre 1 a 4 anos, com 57,3% das menções na área de Geografia (na comparação com outros conceitos), caindo nas demais faixas (5-9 anos: 48%; 10-14 anos: 55,1%; mais de 15 anos: 51,7%). Esse dado corrobora com outra informação advinda de estudo de Pós-doutorado de Fuini (2016), com dados do banco de teses/dissertações da Capes de 2011/2012, mostrando que o conceito de Território foi o segundo mais mobilizado¹⁸ (21%) em teses e dissertações da área de Geografia, ficando atrás apenas de Espaço (34%).

No mesmo estudo, o autor demonstra que as obras mais citadas no site de pesquisa acadêmica *Google acadêmico* (<https://scholar.google.com.br>), quando usadas as palavras “Território + Geografia + Brasil”, advém de fins dos anos de 1980 e 1990, sendo que das vinte obras mais citadas, dez foram produzidas na primeira década dos anos 2000, nove nos anos de 1990 e uma nos anos de 1980. Das vinte obras mais citadas, Rogério Haesbaert, pesquisador e docente da Universidade Federal Fluminense (UFF), aparece com 3.034 citações referentes à quatro obras (dois livros, um capítulo de livro e um artigo), Marcelo Lopes de Souza, com 1.263 em apenas uma obra (um capítulo de livro), Milton Santos com 1.200 citações em duas obras (um capítulo de livro e um artigo) e Bernardo Mançano Fernandes, com 1.111 citações em três obras (um livro, um capítulo de livro e um artigo) (**Quadro 2**)

Quadro 2. Obras mais citadas na ferramenta Google Acadêmico através das palavras-chave de pesquisa “Território”, “Geografia” e “Brasil”

Classificação/ Características	Obra (artigos em periódicos, capítulos de livros ou livro)	Autor (es)	N. de citações
1	<i>O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade</i> (2004)	Rogério Haesbaert	1.838
2	Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. <i>Geografia: conceitos e temas.</i> (1995)	Marcelo Lopes de Souza	1.263
3	O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A., SILVEIRA, M. L. <i>Território, Globalização e Fragmentação</i> (1994).	Milton Santos	945
4	<i>Territórios alternativos</i> (2002)	Rogério Haesbaert	705
5	<i>Abordagens e concepções de território</i> (2007)	Marcos A. Saquet	650
6	<i>MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra: formação e territorialização em São Paulo</i>	Bernardo Mançano Fernandes	643

¹⁸ Esse termo mobilização se refere ao registro do termo no título, resumo e palavras-chave da tese ou dissertação.

	(1996)		
7	<i>Geografia, escola e construção do conhecimento</i> (1998/2006)	Lana de Souza Cavalcanti	638
8	<i>Política de turismo e território</i> (2000)	Rita A. Cruz	577
9	<i>Território e história no Brasil</i> (2002)	Antônio Carlos Robert Moraes	424
10	<i>A questão do território no Brasil</i> (1995)	Manuel Correia de Andrade	401
11	<i>Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo</i> (1990)	Bertha Becker; Cláudio Egler	313
12	<i>Geografia e política: território, escalas de ação e instituições</i> (2005)	Iná Elias Castro	294
13	<i>Estado e políticas territoriais no Brasil</i> (1988)	Wanderley Messias da Costa	279
14	Da desterritorialização à multiterritorialidade. <i>Boletim Gaúcho de Geografia</i> , v. 29, n.1, p. 11-24, jan.-jun. (2003).	Rogério Haesbaert	276
15	<i>O dinheiro e o território. Geographia</i> , UFF, v.1, n.1, p. 7-13. (1999)	Milton Santos	255
16	<i>Questão agrária, conflitualidade e desenvolvimento territorial</i> . (2004)	Bernardo Mançano Fernandes	242
17	Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais, <i>Revista NERA</i> , n.6, v. 8, Unesp-P. Prudente, p. 24-34, jan.junho. (2005)	Bernardo Mançano Fernandes	226
18	A desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E., et. al (org.) <i>Geografia: Conceitos e temas</i> . p. 165-206. (1995).	Rogério Haesbaert	215
19	Território e territorialidade. In: BRAGA, C.; MORELLI, G., LAGES, V. N. <i>Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva</i> . (2004)	Sarita Albagli	204
20	<i>O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)</i> (1997)	Demétrio Magnoli	202

Fonte: Google acadêmico, 2017. Acesso em: <https://scholar.google.com.br/>.

Desse modo, os dados acima apresentados permitem perfazer uma primeira aproximação sobre o perfil da produção territorial brasileira, chegando-se à algumas conclusões quanto: a) à vinculação do interesse pelo conceito na produção acadêmica e grupos de pesquisa com a ciência geográfica, sobretudo a área de Geografia humana, com interesse maior na exploração do conceito nas subárea de gestão, ensino e geografia humana; b) a recenticidade dos grupos e da produção vinculada ao conceito (a maioria realizada nos últimos dez); c) a menção ao conceito de território nas ciências humanas e na Geografia recente tem sido superior à dos demais conceitos; d) certa concentração geográfica dos trabalhos e grupos vinculados ao Território na região Sudeste e instituições de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais; e) na produção de teses/dissertações e de grupos de pesquisas, as áreas com incidência de interesse pelo “território” são aquelas em constante contato com a

Geografia, como Sociologia, Antropologia e Educação; e) obras mais consultadas e citadas abarcam amplo espectro de interesse na análise do território, oriundas dos principais centros de produção acadêmica sobre o território.

No entanto, é possível confrontar algumas das premissas de pesquisa com outras informações, tais como: a) despontam outros centros de produção de saberes sobre o território, como o estado do Paraná, Minas Gerais e alguns polos do Nordeste, salientando a expansão das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas nessas regiões e as especificidades que o conceito vai adquirindo na aproximação com diferentes realidades regionais; b) outros conceitos/categorias mais amplos também tem grande incidência na produção acadêmica, como espaço e meio-ambiente; c) das obras mais citadas, dez delas foram produzidas entre os anos de 1980 e 1990, permitindo afirmar que a questão do “resgate ou retorno” do território já não é temática das mais recentes e as obras a tratar disso já apresentaram um certo tempo de circulação e permitiram certas atualizações e revisões dos próprios autores.

Considerações finais

O presente artigo buscou construir um panorama da produção geográfica recente sobre o conceito de território, destacando seu momento de resgate e renovação que se dá a partir dos anos de 1980, com a presença de autores como Milton Santos e Bertha Becker, a ressaltar a relevância do conceito e seus novos atributos explicativos. Desse modo, o Território passa a se colocar em uma transição, entre leituras que advogam a superação com a modernidade em direção a um novo formato e episteme conceitual, e outros que ponderam sobre a essa transição e seus riscos, afirmando que se trata mais de uma necessária repolitização do conceito do que se de uma mudança estrutural (MORAES, 2000).

Outrossim, os dados analisados em teses/dissertações de sistematização e nas estatísticas de teses/dissertações do banco de dados da CAPES e das informações dos grupos de pesquisa do CNPq permitem apresentar uma produção recente cada vez mais numerosa sobre o conceito, indicador de seu alto interesse e popularização e polissemia, sua identificação com a Geografia e sua área humana e a pluralidade temática, ressaltando seu caráter contemporâneo multidimensional. Certos centros de produção concentram a difusão desse saber, haja vista o rol de instituições públicas e orientações vinculadas ao conceito, mas esse interesse tem se espalhado a outros estados e centros além do eixo Sudeste-São Paulo. Obras mais citadas, ao mesmo tempo em que consolidam um pensar sobre o território e um corpo de

pensadores e autores que lhe dão base no entendimento das relações de poder e sobre a própria história do pensamento geográfico, também popularizam determinadas obras de síntese que passam a ser aceitas automaticamente como referência, ocultando toda uma tradição teórico-filosófica e científica de abordagem do conceito que antecede os anos de 1970/1980.

Nesse sentido, saber mais sobre o Território na produção geográfica brasileira requer analisar o presente com vistas ao passado e, nos escombros da arqueologia do saber pretérito trazer à tona indicadores e compreensões que podem ainda hoje ser úteis à análise, auxiliando na explicação sobre os porquês das críticas e possíveis superações paradigmáticas.

Referências

- ANDRADE, Manuel C. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BECKER, Bertha K. a Geografia e o resgate da Geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 50, n. 2, número especial, p.99-125, 1988.
- BECKER, Bertha. K. El uso político del territorio: consideraciones a partir de una vision del tercer mundo. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, n. 17-18, p. 13-26, seg. sem. 1982.
- BOLIGIAN, Levon. *A transposição didática do conceito de Território no ensino de Geografia*. Dissertação (Mestrado), Rio Claro/SP, UNESP, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2003, 148 p.
- CAMPOS, Rui R. de. *Breve histórico do pensamento geográfico brasileiro nos séculos XIX e XX*. Jundiaí: Paco editorial, 2011.
- CAPES-Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior. *Banco de Teses e Dissertações*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/>. Acesso em: 20 de Dezembro de 2016.
- CAVALCANTI, Lana de S. *Geografia, escola e construções*. Campinas: Papyrus, 1998.
- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. *Geographia*, Niterói, UFF, ano 1, n.2, 1999.
- CLAVAL, Paul. *Epistemologia da Geografia*. Tradução: Margareth C. A. Pimenta e Joana A. Pimenta. 2ª. Edição. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.
- CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica. *Diretório de Grupos de Pesquisa*. Brasília: SETEC/MEC, 2016. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em 12 de Novembro de 2016.
- DI MÉO, G. *Geographie Sociale et territoires*. Paris: Nathan, 2001. 320p

ESCOLAR, Marcelo. *Crítica do discurso geográfico*. SP: Hucitec, 1996

FERNANDES, Mariane de O. *Os conceitos de Lugar e Território na contemporaneidade: a produção nas teses de Pós-graduação em Geografia de 2001-2011*. Dissertação (Mestrado), Santa Maria/RS UFSM, Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências, 2013, 153 p.

FUINI, Lucas L. Construções teóricas sobre o território e sua transição: A contribuição da Geografia brasileira. *Cuadernos de Geografía/Revista Colombiana de Geografía*, Bogotá, Universidad Nacional de Colómbia, v. 26, n. 1 ene.-jun. del 2017.

FUINI, Lucas L. A tradição da Geografia na discussão sobre o Território: uma investigação preliminar. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, UNESP, Departamento de Geografia, n. especial, v 13, p. 128-148, jan/jun. 2015.

FUINI, Lucas L. Território e Geografia no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Formação*, Presidente Prudente, Programa de Pós-graduação em Geografia, UNESP, v. 1, p. 3-20, 2014.

FUINI, Lucas L. *Território e Geografia no Brasil: uma análise da produção científica no período contemporâneo*. Relatório de Estágio de Pós-doutorado, Presidente Prudente FCT/GAsPER/UNESP, 2015.

GOMES, Paulo C. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. *Boletim Campineiro de Geografia*, AGB-Campinas, v.2, n.3, p. 523-545, 2012.

GOTTMANN, Jean. *The significance of territory*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1973.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. SP: Loyola, 1989.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KAROL, Eduardo. *Geografia política e Geopolítica no Brasil (1982-2012)*. Tese (Doutorado), USP/SP, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2013, 257 p.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. RJ: José Olympio, 1988.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. SP: Ed. Brasiliense, 1997.

LOPES, Iole I. *O território e os Estados pós-nacionais: uma abordagem geográfica das teorias de Jurgen Habermas*. Tese (Doutorado), USP/São Paulo, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2005.

MACHADO, Lia. O. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem. In: CASTRO, Iná. E., et. al, *Geografia: conceitos e temas*. RJ: Bertrand, 1995, p. 309-352.

MORAES, Antonio C. R. *Ideologias geográficas: Espaço, cultura e política no SP*: Annablume, 1988.

MORAES, Antonio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. 19ª. Ed. SP: AnnaBlume, 2003.

MORAES, Antonio.C. R. *Bases da formação territorial do Brasil: O território colonial brasileiro no "longo" século XVI*. São Paulo: Hucitec, 2000.

RATZEL, Friedrich. A relação entre o solo e o Estado (Cap. I). - Texto traduzido. *Geosp*, n. 29, p. 51-59, 2011.

SACK, Robert. *Human territoriality: Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A.; SILVEIRA, Maria L., *Território: Globalização e fragmentação*. 5ª. Ed., São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993.

_____. *Espaço e método*. SP: Hucitec, 1985.

_____. *Por uma Geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. SP: Edusp, 2002 [1978].

SAQUET, Marcos A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007a.

SAQUET, Marcos A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. *Geosul*, Florianópolis, UFSC, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007b.

SUERTEGARAY, Dirce. Rumos e rumores da pós-graduação e da pesquisa em Geografia no Brasil. *Revista da ANPEGE*. v. 3, p. 17 - 31, 2007.

SILVA, Ana C. da. *O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o século XXI: o território na trama das significações imaginárias*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, UNESP-Presidente Prudente, 2010, 578 p.

SILVA, Sueli S. *Milton Santos: concepções de Geografia, espaço e Território*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Geografia, UNIOESTE-F. Beltrão, 2009, 145 f.

Recebido em: outubro/2016.

Aceito para publicação em: dezembro/2016.